

Do uniforme ao desuniforme: construção cartográfica de diferentes percepções a partir do vestuário estudantil

Nayara Chaves Ferreira Perpétuo (Instituto Federal do Maranhão, Brasil)

nayarachaves@ifma.edu.br

Instituto Federal do Maranhão - IFMA

R. Afonso Pena, 174 - Centro, São Luís - MA, 65010-030

Terezinha de Jesus Campos de Lima (Instituto Federal do Maranhão, Brasil)

terezinha@ifma.edu.br

Instituto Federal do Maranhão - IFMA

R. Afonso Pena, 174 - Centro, São Luís - MA, 65010-030

Tiago Martins Azevedo (Instituto Federal do Maranhão, Brasil)

sr_thiago_martins@hotmail.com

Instituto Federal do Maranhão - IFMA

R. Afonso Pena, 174 - Centro, São Luís - MA, 65010-030

Jeane Sousa Santana (Instituto Federal do Maranhão, Brasil)

jeanesousasantana1@gmail.com

Instituto Federal do Maranhão - IFMA

R. Afonso Pena, 174 - Centro, São Luís - MA, 65010-030

Do uniforme ao desuniforme: construção cartográfica de diferentes percepções a partir do vestuário estudantil

Resumo: A reflexão apresentada aqui emerge da prática da cartografia desenvolvida por designers em um processo colaborativo com participantes de uma exposição de uniformes escolares. A partir dessa experiência de design, que culmina em uma cartografia, apresentamos as percepções dos estudantes de tempos distintos – os de ontem e os de hoje – sabendo que, ao imaginar futuros possíveis, ambos continuam a escrever a história de uma instituição de ensino.

Palavras-chave: *design anthropology*; cartografia; exposição.

From uniform to not uniform: cartographic construction of different perceptions from the student clothing

Abstract: *The reflection presented here emerges from the practice of cartography developed by designers in a collaborative process with participants of an exhibition of school uniforms. From this design experience, which culminates in an cartography, we present the perceptions of students from different ages – those of yesterday and today – knowing that, in imagining possible futures, both continue to write the history of an educational institution.*

Keywords: *design anthropology, cartographic method, exhibition.*

1. Introdução

Este trabalho se constitui no contexto de uma instituição de ensino técnico centenária que já passou por várias mudanças, inclusive de nomenclatura. Trata-se do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) e as diversas fases históricas que o situam como parte da história da educação profissional maranhense: Escola de Aprendizes e Artífices (1909), Liceu Industrial de São Luís (1937), Escola Técnica de São Luís (1942), Escola Técnica do Maranhão (1965), Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão – CEFET-MA (1987) e, finalmente, IFMA (2008).

Diante deste legado e de uma ação do Grupo de Pesquisa História, Cultura e Patrimônio, foi implementado o Projeto Centro de Preservação da Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – MEMORIAL IFMA, uma ação de ensino, pesquisa e extensão destinada a dar relevo e referenciar o conhecimento da historicidade institucional.

Um dos compromissos do Memorial é assente na salvaguarda e divulgação do acervo representativo dessa trajetória como móveis, troféus, louças, instrumentos, músicas e fotografias, coleções que vêm sendo tratadas, pesquisadas e socializadas em eventos de natureza museológica, compondo exposições vinculadas, por exemplo, às semanas nacionais de museus promovidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

É, então, neste contexto, que o uniforme escolar, ícone estudantil, foi tomado como elemento expositivo para a participação do Memorial na 11ª Primavera dos Museus do IBRAM, ocorrida em setembro de 2017. Tal empreitada significou a atuação da equipe na concepção, planejamento e execução da exposição *Ontem e Hoje: Uniformes Escolares do IFMA*.

Nesse processo identificamos que o vestuário implementado nas instituições de ensino para garantir a aparência de igualdade, ao invés de padronizar e igualar os estudantes, revelou-se desuniforme para nós.

Uma das pistas encontradas para a desuniformização relatada é feita por meio de imagens. Abaixo temos a fotografia de uma mesma turma usando uniformes distintos, denunciando a diferença econômica entre os estudantes, pois os uniformes do ano vigente e o do ano anterior eram permitidos somente até que todos pudessem adquirir o novo modelo.



Figura 1. Turma Escola Técnica Federal do Maranhão 1972 (fonte: acervo Memorial IFMA)

Ao deslocarmos o vestuário de seu espaço naturalizado no cotidiano escolar, acionamos memórias e consideramos as análises propostas por Anusas e Ingold (2013), posto que objetos de uso são, portanto, uma mediação estabelecida entre quem usa e as outras pessoas, constituindo-se não apenas como o objetivo de sua projeção, mas a intersubjetividade que provocam.

Importa destacar que a exposição foi desenvolvida sob um olhar de designers e não de curadores, balizado pela teoria e prática de *Design Anthropology* (DA), pautados nos estudos de Anusas e Ingold (2013), Halse (2013), Gatt e Ingold (2013) e Ingold (2012).

O presente artigo retrata essa experiência do projeto expositivo e como ela se tornou um vasto campo de pesquisa, enquanto um processo de design. Considerando Halse (2013), a prática de *Design Anthropology* não só foi inspirada em um estúdio de design como forma de investigação, mas também no seu objeto investigativo: a imaginação. Assim, à medida que a exposição era delineada, também geravam-se protótipos, no sentido de criar oportunidades para que, no limite do presente, as pessoas pudessem acionar memórias e prospectar futuros possíveis de forma colaborativa ao projeto Memorial.

Toda a exposição de uniformes que será relatada aqui não é aleatória. Ela foi coprojetada a partir de entrevistas de ex-alunos e servidores; com o engajamento da gestão e de técnicos em restauro de imagens; participação de alunos de ensino médio e superior na produção das instalações, além da própria observação do cotidiano escolar. Construída

sob diferentes olhares, a exposição proporcionou um plano comum, que conforme Escóssia, Kastrup e Passos (2015) é uma construção transversal na qual se constrói um consenso entre a verticalidade que hierarquiza as diferenças e a horizontalidade que as homogeneiza. Diante da consideração desses atores, buscamos o comum entre interesses distintos, a saber: o do Projeto Memorial, os dos alunos que usaram o uniforme, daqueles que ainda usam e a gestão institucional, conforme será abordado no item 3.

A cartografia emergente desse plano comum exigiu habilidades dos designers-pesquisadores, aqui delimitados conceitualmente como designers cartógrafos. As problematizações feitas e analisadas consideram os processos socioculturais que se estabelecem entre os participantes envolvidos – pesquisadores e sujeitos da pesquisa.

Aqui, traremos análises com aportes do campo do design e apresentaremos uma experiência de design que culmina em uma cartografia das percepções dos estudantes de tempos distintos, sabendo que ambos continuam a escrever a história institucional. Os “estudantes de ontem” tiveram suas memórias acionadas com peças de vestuário marcantes de diversos períodos e os “estudantes de hoje” foram convidados a conhecerem a história da Instituição por meio da exposição cronológica dos uniformes.

2. Os designers cartógrafos

Para compreendermos a trajetória desse estudo faz-se necessário primeiramente explicitar qual a concepção de design adotamos. Consideramos o que Ezio Manzini (2015) nos diz sobre o papel contemporâneo dos e das designers, migrando de uma posição mais próxima de finalizadores para a de mediadores de processos, capazes de conduzir escolhas, instigar reflexões, gerar discursos e solucionar problemas. Logo, na definição desse autor, os e as designers atuam como agentes criadores de significado, estabelecendo mediações com diversos atores implicados na resolução de problemas a partir de saberes, visões de mundo e interesses distintos.

A partir desse entendimento de design também consideramos as contribuições do antropólogo Tim Ingold (2012, p.48) ao defender que “[...] todo o terreno do conhecimento apareceria não como uma superfície segmentada em domínios ou campos de estudos, mas como uma emaranhada malha de sendas em curso ou linhas de interesse”. Ao problematizar a antropologia trazendo-a como um estudo do e com o mundo em que estamos imbricados, este autor nos ajuda a pensar *Design Anthropology*.

Gatt e Ingold (2013) nos conduzem à percepção de que há outras formas de pensar design para além da definição de determinados fins com antevisão, e, também, de que há outras formas de pensar a antropologia para além da descrição e análises de fatos ocorridos. Assim, podemos perceber alinhados campos de conhecimento distintos, a saber o design e a antropologia. Advogando por uma revisão da antropologia por meio da aproximação com o design, estes mesmos autores propõem uma antropologia não “de”, “como” ou “para” design, mas uma antropologia por meio do design.

Logo, design é também o processo de pesquisa. Assim sendo, nós, designers, para traduzirmos códigos culturais em códigos materiais, conforme nos apresenta Noronha (2010), agimos de modo processual e uma dessas formas possíveis é com a cartografia, tal como desenvolvida pela mesma autora e outros pesquisadores (NORONHA et al, 2017).

Na condição de cartógrafos, os designers constroem a visualidade (NORONHA et al, 2017) por meio das experiências vividas em campo, sendo o objetivo da cartografia dar corpo às forças sociais pelas quais as coisas e as pessoas – usando a definição de Ingold (2012) – juntam-se e emaranham-se ao longo das relações estabelecidas em seus percursos.

O material gráfico produzido pela cartografia sobrepõe diferentes camadas informativas em uma mesma interface, relacionando-as. Em nosso caso, são os discursos, as manifestações por escrito, os interesses distintos, as imposições de uso, as memórias acionadas e as práticas cotidianas. Assim, facilitamos a compreensão das diversas movimentações existentes, considerando também o aspecto temporal.

Logo, a cartografia torna-se um mapa em plena execução, cujo produto final tem menos valor do que o percurso construído ao longo do processo colaborativo. Seu desenvolvimento decorre, sobretudo, graças ao seu caráter experimental e não-prescritivo (BARROS, KASTRUP, 2015), capaz de agregar pessoas em prol de um plano comum e compartilhado, que aqui entendemos como um protótipo.

A cartografia considera os sujeitos participantes, mapeando informações desfocalizadas por meio de observação flutuante, construídos pela confiança de maneira coletiva no acompanhamento dos processos (BARROS, KASTRUP, 2015). O trabalho compartilhado também nos faz entender que, em campo, abrimos a possibilidade para uma percepção desuniforme e multiforme.

Os contextos nos quais os designers projetam também devem ser evidenciados. Aqui, entendemos que eles são complexos e os expressamos a partir da noção de malha, proposta por Ingold (2012). Fazemos uma adaptação e adotamos seu sentido e lógica também direcionando para os

tecidos, por dialogarem com o universo do vestuário e das correlações tomadas para esse estudo.

A reflexão que a malha nos proporciona, como tessitura têxtil, faz com que percebamos em seu detalhe uma formação de laços provenientes de dois ou mais fios. Eles se interpenetram e se apoiam nos sentidos vertical e lateral. Seu arranjo confere pontos de contato que podem se prolongar e estreitar, adequando-se e modelando-se às diversas superfícies. Logo, possibilitam liberdade de movimentos e conforto. Aqui, conforme Ingold (2013), a realidade investigada é associada a um tecido vivo: uma malha. Ela é dinâmica e se estabelece em um mundo vivido ao longo do qual crescemos e nos movimentamos.

Embora nosso primeiro contato com as cartografias tenha sido por meio de Barros e Kastrup (2015), e muito tenha sido considerado para moldar nosso entendimento e prática cartográfica, preferimos considerar o desenho como uma possibilidade de tornar observável não a rede, mas a textura infinita e sempre em extensão que forma o mundo, envolvendo a passagem de tempo, como proposto por Gatt e Ingold (2013). Assim, por adotar a concepção de malha (INGOLD, 2012), fazemos adequações e nos distanciamos das autoras Barros e Kastrup (2015, p.57) ao afirmarem que “[...] o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”.

Diante desse percurso balizador, resumidamente entendemos os designers cartógrafos como aqueles que projetam “para” pessoas, “com” pessoas e “por” pessoas, conforme nos elucidam Manzini (2015). O “para” refere-se ao ambiente de pesquisa necessário para acessá-las. Projetamos “com” pessoas pois somente elas podem validar qualquer projeto e implicadas no processo os resultados tornam-se mais eficazes para todos os envolvidos. Consequentemente, projetamos “por” pessoas, tangibilizando cenários que proporcionam a gestão de projetos autônomos e inovadores.

3. De um plano curatorial a um território experiencial: o campo da pesquisa

Aqui relataremos o percurso cartográfico. Ele é feito por meio de uma descrição densa na qual são apresentados não só os acionadores para a construção de uma exposição, mas, principalmente, o percurso para a criação um plano comum que emerge da diferença e não do acordo entre todos os participantes.

Para a exposição, o curador assume o papel de mediador. Neste caso, sendo um deles designer, encontrou-se uma posição confortável considerando sua prática contemporânea de mediação, conforme Manzini

(2015). Ela tornou viável o trabalho colaborativo com outros profissionais, a saber, historiadores, museólogos, artistas plásticos, docentes de licenciatura em artes visuais, turismólogos, docentes de técnico em guia de turismo etc. Diante do desafio da concepção e do planejamento da exposição, foi realizada uma primeira reunião. Dela participaram, além dos autores desta publicação, diversos outros pesquisadores que integram o projeto, garantindo uma construção sob diversos olhares. Após o *brainstorming*, foram tomadas decisões e delineadas as ambições para sua realização. Mas nem tudo foi acertado: ali era apenas o início.

No processo, aos poucos, foram sendo engajados os participantes da pesquisa-ação. Os primeiros que emergiram do campo foram a própria coordenação do Projeto Memorial. Além de desejarem cumprir a meta de divulgar o acervo salvaguardado, ela também pretendia divulgar o projeto e captar mais informações sobre a Instituição, compilando mais dados para seu objetivo – tornar-se um centro de referências da Memória Institucional no Estado, haja visto que esta já é uma realidade em outras unidades da Rede Federal de Ensino Técnico.

Nesse momento tínhamos um grave problema a administrar, pois, para a exposição, não tínhamos nenhum uniforme salvaguardado, o que não justificaria a meta em si. Contudo, essa ausência de materiais para expor retratava justamente a fase inicial do projeto que ainda estava em busca de acervo e também um apelo à todos aqueles que fizeram parte dessa história que unissem esforços a ele. Logo, não termos uniformes em uma exposição desse vestuário não figurou como um empecilho, ao contrário, foi o disparador para ampliarmos o contato com outros participantes em potencial, tendo no uniforme um interesse comum.

Ainda dentro da Instituição, recorremos a outros pesquisadores e acessamos o acervo fotográfico, já em processo de catalogação. Por ele conseguimos identificar os uniformes que vestiram a Instituição a partir de 1937. Começamos, então, a categorizar as imagens pela mudança de nomenclaturas da escola e esse acabou sendo um norteador do percurso da pesquisa e da exposição.

Sua cronologia inicia com a Escola de Aprendizes e Artífices, que foi o primeiro sistema educacional de abrangência nacional. Ela era destinada a alunos de 10 a 16 anos, especialmente aqueles “filhos dos desfavorecidos de fortuna” (BRASIL,1909). Desse período, não tínhamos fotos que evidenciassem o uso de um uniforme no cotidiano escolar. Isso fez com que representássemos seu início por meio de um projeto de vestuário com croquis, tecidos, alfinetes e moldes.

Denunciamos ali, de fato, que seria seguindo as pistas dos uniformes, indissociados de práticas sociais, condições econômicas e políticas educativas que, também, contaríamos o percurso para o atual

IFMA. Desse modo, atendemos a uma expectativa e interesse implícito da própria Gestão Institucional.

Salientamos aqui que, simultaneamente à pesquisa, foi sendo realizada uma definição expositiva. Cada pista, a saber, peça de vestuário, depoimento, fotografia etc, foi construindo o acervo apresentado ao público no espaço da galeria. Cada instalação foi planejada no sentido de estabelecer correspondências com o público durante a visitação.

Identificamos pelas imagens que apenas em meados do século XX os sapatos foram popularizados e eles ainda eram um artigo de luxo para o público dessa escola. Pensar um período tão distante da vivência escolar atual nos fez usar uma estratégia para aproximar os alunos de ontem com os de hoje através de um diálogo estabelecido nos pés. Com a parceria do professor de fotografia, que ministra aulas para o curso técnico em artes visuais, propusemos fotos dos pés descalços dos alunos.

O sucesso dessa experiência fez com que nossa prática colaborativa se ampliasse para estudantes do curso de licenciatura em artes visuais, que elaboraram croquis, e professores da área de produção do vestuário e moda de outros *campi* da rede, que desenvolveram os moldes. Desse modo, antes da exposição inaugurar geramos expectativas entre os participantes. Também pudemos sondar os desdobramentos possíveis da exposição em um *campus* que outrora já se manifestou contra o uso obrigatório do uniforme escolar.

Seguindo o percurso histórico e as pistas das imagens, encontramos retratado um abandono gradativo do ensino de bases artesanais, para atender as necessidades da indústria. Esse período marcou a mudança para a nomenclatura Liceu Industrial de São Luís e, posteriormente, para Escola Técnica de São Luís. Tanto em um período, quanto em outro, o uso do uniforme não era uma prática no dia a dia, devido à condição econômica dos estudantes e as dificuldades da Instituição para subvencionar a compra. Contudo, os registros fotográficos evidenciam a existência de um uniforme de gala, usado em festividades oficiais, como desfiles cívicos e em momentos em que a escola se dava a ver.



Figura 2. Participação em desfile 7 de setembro (fonte: acervo Memorial IFMA)

Pelas fotografias, além de perceber detalhes da vestimenta, também identificamos algumas pessoas, especialmente servidores aposentados, e partimos para novas pistas na pesquisa de campo.



Figura 3. Servidores em reunião no Campus Monte Castelo (fonte: acervo Memorial IFMA)

A coordenação do projeto marcou um encontro com uma ex-diretora de um dos *campi* mais antigos da rede e ainda em atividade como professora. Ela, que também fora aluna da escola, contribuiu por meio de

memória oral para conseguirmos associar o uso dos uniformes de gala com os tradicionais desfiles de sete de setembro, acompanhados pela banda institucional. O envolvimento dessa servidora garantiu para a exposição vinte e seis itens de vestuário e diversos instrumentos musicais. Mesmo sem nenhum exemplar original do traje de gala, mas apenas com fotografias e relatos orais, consideramos essencial inseri-los na exposição. Assim, montamos a segunda instalação com uma réplica desse traje, instrumentos musicais e uma imagem de flâmula. Esta era confeccionada na escola e usada pelos alunos no bolso da camisa social para identificá-la nos eventos.

Ao nos desligarmos das imagens, focamos nas pessoas e recorremos àqueles que viveram a já então Escola Técnica Federal do Maranhão, em 1965. Em entrevista concedida à equipe do Memorial, o ex-inspetor da escola descreve o período em que as instituições escolares tiveram grande influência da ditadura militar e em que o rigor e rigidez também eram aplicados no vestuário: “Naquela época era rígido com os alunos; os semi internos só podiam entrar se tivessem uniformizados completo, meia preta e o uniforme”¹).

Durante nossas conversas com ex-alunos, era recorrente o discurso de que no momento da inspeção eles deveriam levantar as barras das calças direita e esquerda para que fosse verificado o uso correto até das meias. Diante desse dado, precisávamos pensar em como traduzir toda essa informação para a exposição. Assim, atentamos para os sapatos que, agora, passaram a ser exigidos e inspecionados. Adquirimos para a exposição um modelo masculino usado naquela época, o Vulcabras 752. Este foi colocado em local de destaque e, para acessá-lo, o visitante precisaria ultrapassar uma teia de cadarços que o obrigava a se adequar. Ao passarem para o outro lado, eles eram convidados a incluir novos cadarços à teia e, assim, deixavam sua primeira contribuição direta para a exposição.

Na sequência, sentimos a necessidade de expor mais uma réplica: o uniforme de educação física feminino. Ele era composto de uma camisa de malha branca com o logotipo da escola na parte central e uma saia pregueada de brim azul royal. O início de seu uso denunciava um grande marco: o ingresso das mulheres ao ensino técnico em 1972. Junto a este uniforme posicionamos duas réplicas de batas *unisex*, uma com abotoamento lateral e outra com abotoamento frontal – ambas de uso contínuo no período da Escola Técnica Federal do Maranhão. Tendo como pista as fotografias do período e os depoimentos de uma ex-aluna, que fez questão de nos apresentar uma fotografia pessoal usando esse uniforme, vimos emergir da cartografia questões de gênero e, por isso, o engajamento

¹ Informação oral concedida por Altamiro Carvalho à equipe do Memorial, acessado em 2017.

da mesma ex-aluna fez com que ela se disponibilizasse para providenciar a confecção da réplica do uniforme.



Figura 3. Exposição Ontem e Hoje: Uniformes Escolares (fonte: dos autores)

A disposição dos itens aos visitantes também foi considerada. As peças foram colocadas em cabides de madeira presos ao teto com fio de nylon de modo que pareciam “flutuar” no espaço da galeria. A escolha pelo cabide e não por manequins foi essencial para que não atribuíssemos gênero ao estudante, uma vez que o uniforme regular de modo geral tem caráter *unissex*. A “flutuação” também garantiu à ideia do uso um caráter de leveza.

Com datas cada vez mais próximas, aumentava gradativamente o número de informantes e a possibilidade de conseguirmos exemplares originais. O primeiro foi o do CEFET-MA, cedido por um professor e ex-aluno após uma sensibilização feita em reunião pedagógica na escola. Aos poucos, as doações por pessoas com esse perfil tornaram-se recorrentes e

não vimos outra opção a não ser trazer à tona esse dado possível graças à uma instituição que marcou o ensino local e educou muitas gerações.

Blusão escolar de malha com gola polo, acabamentos sanfonados nas mangas e barra vieram acompanhados da calça cinza de brim com faixa branca nas laterais. Esse conjunto formava um *look* praticamente completo e do mesmo período também conseguimos uma camisa de educação física. Durante a exposição, essas peças chamavam atenção e muitos ex-alunos foram flagrados sendo fotografados ao lado do vestuário. Reforçando a ideia de educação entre gerações, tivemos também alunos de hoje fazendo o mesmo para mostrar aos familiares egressos da escola.



Figura 4. Aluno registrando sua participação na exposição (fonte: dos autores)

Ainda no período CEFET-MA, foi realizado um concurso para a escolha de uma nova identidade visual que comporia um novo uniforme. Nesse momento também houve a flexibilização da calça cinza de listra branca lateral para o jeans, que deveria ter modelagem e cor tradicionais. Atualmente, essa calça ainda é usada, gerando, por vezes, transtornos nas portarias dos prédios, pois muitos estudantes querem entrar na escola com calças fora do padrão definido. As calças são o melhor exemplo indicativo da evolução ocorrida também na indústria do vestuário por meio das variações de modelagens, lavagens e aviamentos sem precedentes no jeans. Assim, somam às nossas reflexões entre os estudantes de ontem e de hoje a

volatilidade da moda e a própria natureza do adolescente, buscando a partir de sua imagem pessoal externar seus gostos e personalidade.

A busca pelos uniformes originais nos levou a uma rede de amigos unidos pela prática esportiva escolar. O instituto durante muitos anos foi campeão em diversas modalidades esportivas e as equipagens variavam de acordo com a especificidade do esporte e dos torneios disputados. Embora elas não fossem consideradas uniforme escolar, também identificavam os alunos e, principalmente, envolviam e agregavam um novo valor ao vestuário: a recordação.

Foi mais fácil encontrar equipagens de alunos atletas do que uniformes de uso regular. As cessões eram acompanhadas de muitas recomendações de cuidado. Para isso, a concessão ocorreu mediante termo de consentimento e responsabilidade.

Junto com o vestuário vieram muitas memórias, não só as orais coletadas para o acervo do projeto, mas, também, por escrito nas próprias peças. Isto porque no final dos períodos escolares os alunos usavam os blusões como caderno de recordações e neles escreviam mensagens ao proprietário do uniforme.



Figura 5. Uniforme usado como recordação (fonte: dos autores)

A partir dessa situação, é possível fazer associações ao estudo de Pomian (1985) quanto às coleções. Elas são um conjunto de objetos mantidos temporária ou permanentemente fora de circulação econômica e sujeitos a proteção especial num local fechado preparado para esse fim e exposto ao olhar do público. No caso dos ex-alunos, conseguimos perceber que esses uniformes de recordação correspondem à essa conceituação. Assim, de bom grado, eles eram cedidos para a exposição, de tal forma que exibir a detenção desses artefatos era uma oportunidade de contemplar esse último estágio. Aplica-se também a conclusão do autor, à medida em que quanto menos utilidade o objeto possui maior o seu significado. Assim, olhar o uniforme guardado assegura a relação entre o visível e o invisível, ou seja, aquilo que é simbólico para o ex-estudante está naquilo que o artefato representa, remetendo o observador a outros objetos, sentimentos, lugares etc.

O uniforme de recordação denota a importância da escola como espaço de convivência de adolescentes que, simultaneamente à vivência escolar, também compartilhavam outras experiências e descobertas. Era comum, nas mensagens, encontrarmos votos de boas festas e próspero ano novo, evidência de um período marcado pela inexistência de tecnologias como celular e mídias sociais. Os alunos de hoje, em um novo paralelo, com acesso a tudo isso, não desenvolvem mais essas práticas. Em contrapartida, aqueles no último ano do ensino médio passam a ter direito a uma camisa exclusiva da turma, também conhecida como uniforme terceiro.

Em cabides em uma grande arara, que chamamos de armário da memória, expusemos os exemplares atuais. Não poderíamos pensar de outra forma que não essa, já que é no cabide que a roupa denota o uso, e, ao mesmo tempo, ali, já sinalizávamos a construção contínua da memória institucional, pois aquilo que hoje é presente será história e certamente já fará parte da memória daqueles que hoje usam.

Para representar a atualidade, montamos uma estrutura para fotografia, tendo como fundo um grande *backdrop* com todas as identidades visuais da instituição ao longo do tempo. Em uma arara, disponibilizamos algumas réplicas de diversos uniformes para o visitante sentir a sensação de “vestir a camisa”. Também foram preparadas plaquinhas com frases divertidas para as fotografias espontâneas. Ao serem fotografados, os visitantes passavam a fazer parte do acervo e tinham ali um convite para uma revisitação.

A exposição culminou em um terceiro espaço que permitiu a participação dos visitantes, nele se deu a cartografia sob o aspecto gráfico. Valemo-nos do que Ingold (2015) nos diz sobre o conhecimento por meio da prática com as pessoas envolvidas continuamente pela percepção háptica e na ação dentro de um campo de relações estabelecidos através da imersão.

Por isso, durante o período em que a exposição ficou aberta ao público, de 18 a 23 de setembro de 2017, oferecemos aos 298 visitantes experiências.

Disponibilizamos um grande tecido de algodão cru como suporte e canetas e pincéis para que os visitantes pudessem externar suas impressões sobre o uniforme. Convidamos cada um a se identificar colocando nome e ano que estudou ou estuda na escola, e direcionamos perguntas para os alunos de ontem e de hoje, sendo elas: o que você sentia/sente quando vestia/veste o uniforme escolar? O que você sentiu ao visitar a exposição? O que você diria aos alunos que ainda usam esse uniforme? Como você gostaria que fosse o uniforme escolar? A escolha pelo tecido como suporte, e não papel, como costumamos fazer, reflete o interesse em proporcionar ao aluno a experiência de escrever sobre o tecido, tal como os alunos de outrora. Estes, por esse mesmo ato, puderam recuperar tal sensação, bem como ter sua memória acionada por outra relação que mantinham com o uniforme.

Conforme nos diz Szaniecki (2013), na cartografia a posição absoluta do sujeito observador sobre o objeto de pesquisa isolado de seu contexto é dissolvida, abrindo espaço para uma produção de conhecimento com o parceiro de projeto. Assim, de forma dinâmica e democrática, os visitantes deixaram suas impressões e contribuíram para os dados analisados aqui.

Quando cada visitante depositava ali suas respostas aos questionamentos e suas fotografias, deixava também partes de si e suas impressões pessoais. Estas passaram a fazer parte do acervo do Projeto Memorial. Na tentativa de resgate de fatos da história da Instituição, estamos simultaneamente construindo-a, agora em um caráter mais atual, porém não menos importante. Lembremos sempre que a todo instante somos agentes históricos e formadores de memórias.

Ainda segundo Szaniecki (2013, p.04) “entre processo e projeto, a cartografia abre um vasto campo para experimentação e reflexão visual”. Assim, as escolhas expositivas, os conteúdos abordados, a heterogeneidade, a complexidade das formas visuais e a contribuição contínua dos visitantes à exposição transpuseram a bidimensionalidade dos desenhos cartográficos para a tridimensionalidade de artefatos.



Figura 5. Exposição de Uniformes (fonte: dos autores)

4. Uma uniformização desuniforme

Szaniecki (2013, p.3) propõe que a cartografia, para o design, “[...] é um processo para apreender questões que extrapolam seu campo e, ao mesmo tempo, um projeto visual que suscita novas questões”. Esse trabalho corrobora essa afirmação, permitindo apreender as forças envolvidas em uma construção entrelaçada e, como resultado, apresenta uma cartografia comparativa. Nela estão evidenciadas, entre outros aspectos, as percepções dos alunos de tempos distintos: os de ontem e os dos alunos de hoje. Assim, pautados em Ingold (2015), percebemos como o uso do uniforme é acionado nas narrativas de cada um, marcando suas trajetórias.



Figura 6. Cartografia (fonte: dos autores)

Por meio do suporte oferecido para registro especificado no item anterior deste artigo, onze ex-alunos se identificaram na visitação e, a partir do engajamento estabelecido, relataram suas emoções ao relembrar e a melancolia desse momento. Exemplifica isso o relato: “Meus melhores amigos estão aqui conosco no IFMA!! Maravilha”.²



Figura 7. Participação dos visitantes (fonte: dos autores)

² Informação por escrito concedida por Janete Chaves aos autores em 17 de setembro de 2017.

Para as diferentes gerações estudantis, o sentimento de orgulho em relação à Instituição por meio do vestuário foi manifestado: “era um privilégio, sentimento de respeito e valorização”³ e também encontrado nos escritos dos alunos de hoje “Para mim só há uma palavra: ORGULHO”⁴.

Após levantamento de todas as manifestações realizadas por escrito, identificou-se que maioria dos alunos de hoje também associa o uso do vestuário estudantil aos sentimentos de orgulho, felicidade, pertencimento e privilégio. Isto, pois o acesso à educação de qualidade ainda não é uniforme e o ensino público federal ainda é visto com respeito por quem usufrui dele.

Logo, se antigamente ser aluno da instituição tinha uma importância reconhecida, o uso dos uniformes escolares denota relações de poder que agem sobre os corpos e moldam as relações estabelecidas consigo e com os outros, como observado nos comentários de alunos de tempos distintos: “sensação de ser inteligente, e de ser muito respeitado por estudar numa instituição Federal”⁵; “autoridade estudantil”⁶; e, “me sinto importante”⁷.

Como desdobramento dessa manifestação de privilégio, estão as recomendações feitas por ex-alunos aos alunos atuais para que “amem e valorizem sua passagem no IFMA e dele guardem boas recordações”⁸. Assim, a idade estudantil regular definida para um período específico da vida de uma pessoa também é acionada por meio de discursos como: “proveitem que passa”⁹. Assim, sentimentos de melancolia e saudade também são acionados por meio do vestuário e relatados: “senti saudade dos amigos e experiências vividas”¹⁰.

Considerando Ingold (2012), entendemos que a informação abre caminho para o conhecimento que marca os sujeitos pela experiência e cresce dentro de cada um. Logo, aprender é uma prática que se relaciona à criatividade e à improvisação, exigindo também um engajamento sensorial. Ao responderem no tecido à pergunta “O que você sentiu ao visitar a exposição?”, os alunos atuais consideraram a exposição uma oportunidade de obter conhecimento, envoltos em um sentimento de nostalgia,

³ Informação por escrito concedida por Terezinha Campos aos autores em 17 de setembro de 2017.

⁴ Informação por escrito concedida por Emanuel Câmara aos autores em 19 de setembro de 2017.

⁵ Informação por escrito concedida por Alívia Sodré aos autores em 17 de setembro de 2017.

⁶ Informação por escrito concedida por Francisco Ferreira aos autores em 17 de setembro de 2017.

⁷ Informação por escrito concedida por Josenilson Carvalho aos autores em 19 de setembro de 2017.

⁸ Informação por escrito concedida por Terezinha Campos aos autores em 17 de setembro de 2017.

⁹ Informação por escrito concedida por Laydynaire aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁰ Informação por escrito concedida por Valkiria aos autores em 17 de setembro de 2017.

pertencimento e imaginação. Conforme nos apontam as declarações dos alunos de hoje: “Nostalgia, mesmo sendo uma estudante ainda”¹¹; “Orgulho por estar nessa instituição”¹²; “me senti honrada por fazer parte da história”¹³; “Gostei bastante, pois me fez imaginar como seria aquela época”¹⁴ e “Exposição interessante, lembrando o passado e ligando o presente”¹⁵.

Dentre os discursos analisados, chamam atenção as categorias memória e imaginação, muitas vezes descritas como “viajar através do tempo”¹⁶ e “visitar o passado”¹⁷. Estas ocorrências sinalizam a prática imaginativa dos interlocutores que, conforme Ingold (2012), desencadeia-se como uma forma de viver criativamente em um mundo que é em si mesmo crescente e sempre em formação. Através da criatividade, cada vez mais tolhida em detrimento de uma construção de saberes alicerçados na autoridade do conhecimento científico, atingimos o objetivo de envolver os visitantes, possibilitando a eles um deslocamento para outro tempo imaginando o uso de outros uniformes.

O conhecimento e a imaginação também agregaram outras implicações, como no relato: “me senti sortuda por não ter passado por aquele regime”¹⁸. Nele, a aluna sinaliza as correlações com a historicidade associada ao período rígido de ditadura militar que influenciou as Escolas Técnicas Federais do País.

O percurso a partir dos uniformes nos levou a lugares imprevistos. Envolvidos e convidados a se deixarem levar pela imaginação, por meio de seus relatos, os alunos consideraram os usos do vestuário exposto e geraram novas possibilidades para além do mundo vivido e percebido. Assim, chegaram a especular o retorno da saia no uniforme regular e não hesitaram em também considerar outras possibilidades, tais como: “Deveria ter calças e jaquetas padronizadas, sem elástico que incomoda nas blusas”¹⁹; “precisa

¹¹ Informação por escrito concedida por Thársis Gabrielle aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹² Informação por escrito concedida por Leyane Gardeni aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹³ Informação por escrito concedida por Rosalva Moreira aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁴ Informação por escrito concedida por Railma Karen aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁵ Informação por escrito concedida por Sarah Freitas aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁶ Informação por escrito concedida por Kamilla aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁷ Informação por escrito concedida por Ramires aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁸ Informação por escrito concedida por Adrielle Kelianne aos autores em 19 de setembro de 2017.

¹⁹ Informação por escrito concedida por Leyane Gardeni aos autores em 19 de setembro de 2017.

modernizar”²⁰ e “Gosto do jeito que é mas acharia interessante se tivesse a calça da própria instituição”²¹. Aspectos relativos à manutenção do vestuário também foram acionados em sugestões de novos uniformes: “Calça jeans com uma camiseta de cor diferente da branca pelo fato de sujar mais facilmente”²².

Em contraponto às possibilidades de mudança, os alunos de hoje também validaram o uniforme atual, a ponto de afirmarem: “não mudaria nada, pois o jeito que é acompanha o momento em que nós estudantes estamos”²³.

Vestir a camisa no sentido literal remete a uma identificação percebida e denunciada a ponto de complementar diretamente o desejo dos ex-alunos de que os atuais se sintam integrados, como “parte de algo maior”²⁴ e “privilegiados”²⁵.

Pierre Bourdieu (2017) nos baliza no entendimento de que o uniforme escolar, embora tenha a intenção de se tornar um instrumento de uso cotidiano, também difunde sua imagem junto à sociedade na qual se insere, e é assim até os dias atuais. Ele opera como um instrumento de representação simbólica que se movimenta dentro do campo educacional e fora dele. O depoimento do ex-aluno e atual professor da Instituição demonstra isso: “nós aqui brigamos muito com os alunos para que eles usem o uniforme, porque transitar nessa área aqui de uniforme é uma segurança [...] Parece, então, que ainda remete ao respeito”²⁶.

Atitudes como brigar para o uso demonstra que discurso e prática nem sempre caminham juntos, posto que recomendações como: “Use o uniforme com respeito”²⁷ também alertam para um uso displicente do uniforme na atualidade.

Embora qualquer resultado não fosse previsto como finalidade da cartografia, assumimos que, de forma não intencional, a nossa participação em campo interferiu para que os sentimentos positivos fossem acionados em detrimento dos negativos. Consideramos que fizemos isso de duas maneiras: uma através da mediação feita por alunos da própria instituição

²⁰ Informação por escrito concedida por Josenilson Carvalho aos autores em 19 de setembro de 2017.

²¹ Informação por escrito concedida por Sarah Freitas aos autores em 19 de setembro de 2017.

²² Informação por escrito concedida por Emanuel Câmara aos autores em 19 de setembro de 2017.

²³ Informação por escrito concedida por Juliana Ribeiro aos autores em 19 de setembro de 2017.

²⁴ Informação por escrito concedida por Caio Marques aos autores em 19 de setembro de 2017.

²⁵ Informação por escrito concedida por Luís Maurício aos autores em 19 de setembro de 2017.

²⁶ Informação por escrito concedida por Luiz Messias aos autores em 17 de setembro de 2017.

²⁷ Informação por escrito concedida por Janete Chaves aos autores em 17 de setembro de 2017.

que integram o projeto Memorial e revezaram-se como guias; a outra foi através da engajamento dos visitantes com a exposição, fazendo deles mais que meros expectadores.

Os alunos que trabalharam na exposição como mediadores, ao falarem da Instituição para outros alunos, suavizam um discurso institucional e tornam mais provável a sua aceitação. Ao trazer o uniforme escolar como elemento material de destaque em uma exposição, demonstramos que reconhecemos a importância do estudante para a escola, dando sentido a ela.

Vimos turmas inteiras visitando a exposição uniformizadas e pudemos perceber olhares de estranhamento diante de um item já familiarizado, propondo aos alunos uma nova perspectiva. Tal deslocamento propicia um terreno fértil à imaginação que, associada à experiência, conduz a novas posturas diante do elemento exposto.

O poema registrado no tecido por uma aluna nos diz: “Unir formas e pensamentos é vestir com o conhecimento. Sem vestimenta uniforme, nu. Existimos despidos de igualdade mesmo quando todos iguais uniformemente vestidos”²⁸. A partir dele, traçamos um paralelo com a nomeação deste item. Embora o vestuário escolar tenha sido instituído no sentido de uniformizar os alunos, ele se deu de modo desuniforme e isso nos possibilita compreender transformações sociais e educacionais ao longo do tempo, revelando marcas de um pressuposto aparente de igualdade de condições, disciplina, padronização e distinção.

Considerações Finais

Valendo-nos do novo posicionamento dos profissionais de design proposto por Manzini (2015), da experiência cartográfica de Szaniecki (2013) e Noronha e outros autores (2017), e considerando os estudos de Ingold (2012, 2013, 2015), propomos situar os designers cartógrafos no âmbito de *Design Anthropology*, a partir das formulações de Halse (2013) e Gatt e Ingold (2013).

Durante a semana em que a exposição esteve aberta ao público realizamos observação direta, registrando depoimentos e, principalmente, dando oportunidade para que os visitantes manifestassem suas impressões sobre o uniforme escolar.

Percebemos que pelo vestuário estudantil, enquanto materialidade, as pessoas e a instituição escolar em seus múltiplos tempos e espaços formam uma contínua, mútua e desuniforme constituição. Logo, alunos e

²⁸ Informação por escrito concedida por Anderlucy aos autores em 19 de setembro de 2017.

escola se legitimam uns pelos outros, e se reconhecem para além dos limites das edificações, por meio do vestuário estudantil - o uniforme.

Trazer uma exposição de uniformes para o ambiente escolar é certamente uma boa atividade que rende bons ganchos para desencadear e destravar experiências e correspondências que, conforme Ingold, acionam os processos de imaginação. Envolvidos, quer fosse pela disposição expositiva ou pela possibilidade de interferirem na exposição perpetuando e marcando a história que constroem cotidianamente nessa instituição, os visitantes validaram a exposição como um projeto gerador de novas possibilidades.

Nossa pesquisa, pelos moldes cartográficos, é intervencionista e gera resultados diretos. Assim, além de contemplarmos as expectativas dos participantes do processo, também apresentamos a atuação dos designers cartógrafos, contribuindo para pensá-la no campo de *Design Anthropology*.

Como a cartografia não é uma metodologia de projeto, o objetivo de sua aplicação não é levantar informações para daqui a alguns anos projetar um novo uniforme, embora isso seja possível, mas apresentar os processos, considerando que são as etapas que constroem um caminho a ser lembrado.

Aqui não apresentamos conclusões fechadas, mas ao abordar todo o percurso emergem diversas questões para novas pesquisas, dentre elas: como a exposição afeta a opinião do aluno? Como o aluno se enxerga ao carregar uma história? Como o aluno se vê construindo uma história? Qual o sentimento de pertencer ao instituto? Como o aluno passa a perceber o uniforme após a experiência da exposição? Como a visita impacta a exposição?

Embora muitas perguntas possam emergir da cartografia, também conseguimos encontrar entre os participantes aspectos em comum. Por isso, finalmente consideramos que a mais marcante é a malha de memórias e imaginação que todos carregam a partir das roupas, sejam elas boas ou ruins, distantes ou próximas.

Referências

ANUSAS, Mike; INGOLD, Tim. Designing environmental relations: from opacity to textility. *Design Issues*, vol. 29. n 4 p. 58-69. 2013 Disponível em: <https://strathprints.strath.ac.uk/48808/1/desi_a_00230.pdf> Acesso em: 15 maio. 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. Decreto nº. 7.566 de 23 de setembro de 1909. Cria nas Capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices para o ensino profissional primário e gratuito. **Coleções de Leis do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 31 dez. 1909. Disponível em:<<http://www6.senado.gov.br>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

GATT, Caroline; INGOLD, Tim. “From description to correspondence Anthropology in real time”. **Design Anthropology: theory and practice**. London and New York: Bloomsbury, 2013.

HALSE, Joachim. **Design Anthropology: theory and practice**. London and New York: Bloomsbury, 2013.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Em Horizontes Antropológicos, 18, n. 37 25-44. Porto Alegre. 2012.

_____. **Knowing From the Inside: Anthropology, Art, Architecture and Design**. Projeto de Pesquisa subsidiado pelo European Research Council, Aberdeen University, Escócia. 2013. Disponível em:<<http://www.abdn.ac.uk/anthropology/postgrad/art-architecture-design.php>>. Acesso em: 05 nov.2017.

_____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Vozes, 2015.

MANZINI, Ezio. **Design, when everybody designs**. An introduction to Design for Social Innovation. Cambridge/London: The MIT Press, 2015.

NORONHA, R. et al. **Cartografia como percurso projetual: design a partir da complexidade**. Educação gráfica, p.216-23, Bauru: UNESP, 2017.

NORONHA, Raquel. O designer e a produção de sentido na construção de iconografias. **Imagem na idade mídia**. São Luís: EDUFMA, 2010.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Einaudi, 1985.

SZANIECKI, Barbara. **Design em comunidades sob UPPs no Rio de Janeiro.** Anais do 10º Colóquio Internacional de Design: Design para os povos. Belo Horizonte: UEMG, p. 173 – 185, 2013. .

Como citar

PERPÉTUO, Nayara Chaves Ferreira et al. Do uniforme ao desuniforme: construção cartográfica de diferentes percepções a partir do vestuário estudantil. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 11 Número 2 Dezembro 2018. pp. 78-103. Disponível em: [http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign]

DOI: 10.12957/arcosdesign.2018.47518



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.